

ILHA DE PAQUETÁ E BAIXADA FLUMINENSE: nas trilhas da topofilia

PAQUETÁ ISLAND AND BAIXADA FLUMINENSE: on the trails of topophilia

ISLA DE PAQUETÁ Y BAIXADA FLUMINENSE: en los senderos de la topofilia

Idemburgo Frazão

Doutor em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes – UNIGRANRIO. Líder do grupo de pesquisa Margens da Literatura (CNPq).

idfrazao@uol.com.br / <http://orcid.org/0000-0002-8234-467X>

Recebido: 30/03/2021; Aceito: 18/10/2021; Publicado: 30/10/2022.

RESUMO

Em meio às discussões sobre as identidades no mundo contemporâneo, que têm em autores como Zygmunt Bauman, Stuart Hall e Benedict Anderson como alguns dos principais, refletir sobre a relação dos lugares com os indivíduos contribui, também, para que se desconstrua a noção de nacionalidade como é tratada tradicionalmente, pelos europeus. Utilizando como questão central a problemática da topofilia, como a estudou o geógrafo humanista Yi-fu Tuan, este artigo reflete sobre as relações de afinidades identitárias entre a Ilha de Paquetá e a Baixada Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, apresentando elementos, extraídos de escritos de diversa natureza, que comprovam a presença da “topofilia” (da “geo-afetividade”) e que a Ilha de Paquetá já pertenceu à Baixada Fluminense. Trata-se de um estudo preliminar que traz à tona questões interdisciplinares inerentes aos dois lugares citados, no que diz respeito às relações topofílicas.

Palavras-chave: Topofilia; Identidades; Afeto; Baixada Fluminense; Ilha de Paquetá.

ABSTRACT

In the midst of discussions about identities in the contemporary world that have authors such as Zygmunt Bauman, Stuart Hall and Benedict Anderson as some of the main ones, reflecting on the relationship of the places with its individuals also contributes to the deconstruction of the notion of nationality as it is traditionally treated by Europeans. Using the issue of topophilia as a central issue, as studied by humanist geographer Yi-fu Tuan, this article reflects on the relations of identity affinities between Paquetá Island and Baixada Fluminense, in the state of Rio de Janeiro, presenting elements, extracted from writings of different kinds, that prove the presence of “topophilia” (of “geo-affectivity”) and that Paquetá Island once belonged to Baixada Fluminense. It is a preliminary study that brings up interdisciplinary issues inherent to the two places mentioned regarding topophilic relationships.

Keywords: Topophilia; Identities; Affection; Baixada Fluminense; Paquetá Island.

RESUMEN

En medio de discusiones sobre identidades en el mundo contemporáneo que tienen a autores como Zygmunt Bauman, Stuart Hall y Benedict Anderson como algunos de los principales, reflexionar sobre la relación de los lugares con los individuos también contribuye a la deconstrucción de la noción de nacionalidad como es tratada tradicionalmente por los europeos. Utilizando como cuestión central la problemática de la “topofilia”, estudiado por el geógrafo humanista Yi-fu Tuan,

este artículo reflexiona sobre las relaciones de afinidades identitarias entre la isla Paquetá y la Baixada Fluminense, en el estado de Río de Janeiro, presentando elementos que prueban la presencia de “topofilia” (de “geo-afectividad”) y que la isla de Paquetá ya perteneció a la Baixada Fluminense. Se trata de un estudio preliminar que plantea cuestiones interdisciplinarias inherentes a los dos lugares mencionados en lo tocante a las relaciones “topofílicas”.

Palabras clave: “Topofilia”; Identidades; Afeto; Baixada Fluminense; Isla de Paquetá.

A ilha parece ter um lugar especial na imaginação do homem (...). A sua importância reside no reino da imaginação (TUAN – *Topofilia*).

INTRODUÇÃO

As reflexões sobre as identidades no mundo contemporâneo tiveram sua ascensão nos estudos acadêmicos a partir do final do século XX, tendo como grande expoente o jamaicano radicado na Inglaterra, Stuart Hall (2003), seguido por outros como o polonês, também radicado na Inglaterra, Zygmunt Bauman (2005). Esses autores apontam para o fato de que as figurações das identidades no mundo contemporâneo devem ser vistas a partir do prisma da negociação, ou como “comunidades imaginadas”, para utilizar uma expressão cunhada por Benedict Anderson, em sua obra homônima (2008). Seguindo essas orientações marcantes, inerentes ao campo das identidades no mundo contemporâneo, pelo menos na maior parte do mundo desenvolvido, as identidades não são mais vistas a partir da problemática das nacionalidades, que teve seu ápice em meio ao recrudescimento dos estudos positivistas e científicos do século XIX. Entra em questão a ideia de invenção. Mas para Anderson, mais do que inventadas, nações são “imaginadas”, pois fazem sentido para a “alma” e constituem objetos de desejo e projeções (SCHWARCZ, 2008, p. 17). Vê-se que a problemática das identidades se relaciona, também, com as expectativas e experiências dos sujeitos. As identidades não nascem com os indivíduos, não são naturais. A noção de identidade é construída. É nessa esteira da experiência das relações entre os seres humanos e o espaço circundante que as pessoas vão encontrando seus lugares no universo. Tais lugares vão se constituindo parte da “alma”, das identidades dos indivíduos, que, ao se agruparem, criam suas comunidades. E a ideia de nação como grupamento fechado, com fronteiras delimitadas e vigiadas é construída, projetada pela vivência e pelo imaginário humano.

A problemática das identidades, como questão inerente apenas à nacionalidade, como aqui se afirma, hoje, é posta em xeque, ainda mais quando a aproximam de assuntos como o da diáspora (HALL, 2003), dos deslocamentos humanos (forçados ou não). Como se pode observar, a partir da vivência diaspórica de Stuart Hall e Zygmunt Bauman, a

questão dos deslocamentos é marcante nos estudos e, mesmo, na biografia dos estudiosos. É pertinente lembrar, aqui, a esse respeito, para ratificar o que se afirma sobre a complexidade da questão das identidades e dos lugares, no mundo contemporâneo, mencionar uma passagem exemplar, e, não menos curiosa. Tal passagem acontece com o sociólogo Zygmunt Bauman, por ocorrência de uma homenagem que lhe prestariam, na Inglaterra, lugar para onde se transferira. Como Bauman, autor de *Identidade*, *Amor Líquido* e *Vida líquida*, dentre outras obras, é polonês e radicado na Inglaterra, qual seria o hino que executariam e que bandeira hasteariam no momento da solenidade? O impasse era claro. Em degredo, em um país que o acolheu, Bauman passou a assumir uma afetiva nacionalidade britânica. Entretanto, muitos laços (não apenas geográficos) também o ligavam afetivamente à sua terra natal. A sugestão dada pela esposa de Bauman foi a de tocar o hino da Europa e hastear a bandeira desse continente (Ver: BAUMAN, 2005).

A discussão sobre a vigência das reflexões inerentes às identidades, em meio aos deslocamentos, serve como ponto de apoio para tratar de um tipo de deslocamento brasileiro, menos radical e mais prazeroso. Mais ainda, essa relação identitária aqui discutida não distancia os lugares, antes, os aproxima. Trata-se da relação entre um bairro peculiar da cidade do Rio de Janeiro com uma cidade da Baixada Fluminense, e por extensão, toda a região circundante. Tal questão, por sua vez, insere-se na problemática do que o geógrafo humanista Yi-fu Tuan denomina Topofilia. Como sintetiza bem, Marilice Costi (2021), tratando da questão da Topofilia, que se relaciona diretamente com a problemática do lugar:

Frequentemente dizemos: este é o meu lugar, referindo-nos a um espaço que temos vínculos de afeto. Por que não dizemos “este é meu local”? Porque a palavra “lugar” é o espaço pelo qual você tem sentimentos, vínculos, memórias, vivências. São locais muito importantes em nossa vida. Uma cidade sem lugares perde sentido. A cidade precisa desses espaços, a sociedade precisa porque são espaços significativos, são territórios que nos transmitem segurança, lembranças, ativam nossa memória... Se você gosta ou prefere determinado local é porque viveu ali momentos especiais. Pode ser o estar íntimo da família, o seu quarto, o seu automóvel, a praia. Esse lugar tem sentido pra você e explica o que você sente. Olhar melhor sobre esse lugar é importante, pois irá descobrir um pouco mais de você. Isso é topofilia, onde há identidade e afeto por determinados aspectos do lugar. (COSTI, 2021).

E essa topofilia se aproxima do que, no presente artigo, em alguns momentos, denominar-se-á “geo-afetividade”, para tratar da experiência humana com lugares que se intercomunicam, ao longo das histórias individuais ou comunitárias cotidianas. Trata-se, mais diretamente, da reflexão sobre as relações dos habitantes da Ilha de Paquetá e da Baixada Fluminense, que ocorrem, há séculos, tornando pertinente esse estudo que,

embora preliminar, retoma aspectos inerentes ao convívio e à memória da convivência entre os habitantes desses dois espaços geográficos, que se tornam lugares de convívio permanente.

O estudo que se pretende implementar, portanto, neste artigo, parte da forte relação entre duas localidades do estado do Rio de Janeiro, o bairro-ilha, Paquetá, e a Região da Baixada Fluminense, tendo a Cidade de Magé como maior polo de contato. O eixo das reflexões parte do entendimento de que Paquetá, que já se denominou “Pacoetá”, bairro do centro do Rio de Janeiro, tem uma forte afinidade com a Baixada Fluminense, tendo pertencido ao Município de “Magepe” (Magé).

Algumas noções da área da Geografia humanística são utilizadas para embasar reflexões “inter” ou “trans” disciplinares, que constituem o texto. Essas reflexões abrangem campos disciplinares diversos (inclusive o dos versos, da poesia), partindo do campo da geografia, passando ligeiramente pela literatura e por outras disciplinas, aqui não nomeadas especificamente. O eixo das discussões está na relação dos seres humanos com o(s) seu(s) lugar(es). Tuan entende que lugar, mais que um espaço qualquer, é marcado por fortes traços de afetividade. O lugar, segundo ele, pode ser comparado a um lar. “O lugar é uma classe especial de objeto. É uma concreção de valor, embora não seja uma coisa valiosa, que possa facilmente ser manipulada ou levada de um lado para outro; é um objeto no qual se pode morar” (TUAN, 2013, p. 22).

O contato “geo-político” da ilha de Paquetá, atualmente, está diretamente relacionado à Capital, ou seja, ao centro do Estado do Rio de Janeiro. A utilização das Barcas como o meio de transporte faz com que as necessidades cotidianas dos ilhéus sejam supridas pela capital, mesmo que a população, com pequenas embarcações, possa também utilizar seu contato mais rápido com localidades bem próximas em termos de distância geográfica, muitas delas pertencentes ao município fluminense de Magé.

Segundo Marcelo A. L. Cardoso, morador e ex-administrador da ilha, Paquetá por ser um bairro diferente dos outros, com grande projeção no cenário turístico do Rio de Janeiro, necessita receber tratamento, também, diferenciado por parte das autoridades. Isso não é o que ocorre, embora sejam notórias as particularidades desse bairro-ilha. Continua Marcelo, um morador e fã inveterado do lugar onde nasceu:

Paquetá não é apenas mais um bairro, ou mais uma Região administrativa do Rio de Janeiro. Ela é muito mais que isso. Afinal, ninguém sai da Tijuca para fazer ‘pic-nic’ em Bonsucesso... e não sairá ninguém de Bangu para fazer Pic-nic em Olaria!... (...) No meu entendimento, dar tratamento igualitário a Paquetá é crime ecológico.... fazer mal uso dos impostos arrecadados em Paquetá, e dos impostos de todos os contribuintes que vêm a Paquetá e se utilizam de Paquetá, a serviço, ou em lazer” (CARDOSO, 1992, p. 4).

A atipicidade de Paquetá, ratificada pelas palavras do ex-administrador da ilha, não se dá apenas por ser um bairro insular, mas, principalmente, por questões toponímicas, marcadas pelo prazer que os visitantes têm em frequentar a “Pérola da Guanabara”. E tais questões fazem desse lugar um importante ponto turístico da cidade do Rio de Janeiro.

CENTRO OU PERIFERIA. O LUGAR E A TOPOFILIA

A problemática relativa ao binômio centro X periferia, no caso aqui destacado, investe-se de uma peculiaridade a mais. O bairro de Paquetá, administrativamente, pertence ao centro (do Rio de Janeiro) e, geograficamente, está próximo de municípios tidos como inerentes à periferia do estado do Rio de Janeiro, mais precisamente, Magé. Muitas querelas administrativas, que vinham do período Imperial tinham como base a pertença da ilha. O “glamour” lendário de “paraíso” incrustado na Baía de Guanabara (sua “Pérola”), já se construía, antes mesmo do Império, o que pode ser ratificado pela presença (costumeira ou não) de D. João VI na Ilha.

A noção de afeto, que embasa as reflexões sobre o relacionamento entre as duas localidades mencionadas, ultrapassa os limites acadêmicos, ou os invade, pois tramita entre os elementos mais cotidianos das sociedades, e é básica, em vários sentidos. A noção de toponímia, no vernáculo, se relaciona a uma conexão, a uma preferência afetiva em relação a um lugar. Poder-se-ia afirmar que a toponímia é um dos elementos da constituição mesma da ideia de lugar, pois o lugar se relaciona psicologicamente como o sujeito, como se pode ler em *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência* (2012), uma das obras de Tuan que trata do conceito de lugar. É importante apontar, aqui, para a presença fundamental na noção de afeto na “transformação” do espaço em lugar na “alma” do indivíduo. O lugar se diferencia de um espaço comum, seguindo sempre as trilhas reflexivas de Tuan, exatamente por manter com o indivíduo uma relação de afeto, uma relação, portanto, de base psicológica. Desde as nuances mais tênues da existência dos seres humanos, em suas inter-relações, que iniciam no colo materno, passando pela infância, pela adolescência, indo até a velhice, o afeto é uma marca distintiva. O afeto é interdisciplinar e é o elo maior do presente artigo, na aproximação dos lugares citados e com linguagens artísticas como a literatura e disciplinas como a história e, principalmente, a geografia.

Segundo Nicole Mieko Takada Moreti, em seu artigo “Espaço Escolar e Geografia dos Afetos: paredes ou pontes atmosféricas?”:

O termo “afeto” tem sido usado para descrever uma gama de fenômenos que fazem parte da vida cotidiana: depressão, euforia, medo, vergonha, ódio,

esperança, pânico, entre muitos outros termos. Embora a afetividade por muito tempo tenha sido marginalizada, como apontavam pesquisas feministas pioneiras, agora há uma proliferação de versões do que afeto é e faz (MORETI, 2019, p. 137).

As afirmativas de Moreti, que se baseiam nos estudos de Anderson (2014, p. 121), apontam para a multiplicidade de sentidos e apropriações do termo afeto e servem, aqui, como forma de ratificar que o termo afeto estava, de certa maneira, marginalizado e como vem assumindo papéis diversos no campo intelectual, a partir de trabalhos como os de Tuan.

Marilena Chauí, em sua importante obra, *Introdução à Filosofia*, discorre sobre a diferença entre opinião e conceito. Essa distinção importa, aqui, para que possa compreender que, no caso da topofilia (e da geo-afetividade, como aqui é entendida), o afeto sai do âmbito cotidiano corriqueiro de sua “atuação”. Ao tornar-se um termo composto, a “geo-afetividade” passa a abarcar um traço aparentemente distante das instâncias acadêmicas. Mas, afeto, aqui, é um elemento que guarda nuances antropológicas, sociológicas, geográficas e líricas (pertencente ao campo da literatura).

Qual a diferença entre uma opinião e um conceito? A opinião varia de pessoa para pessoa, de lugar para lugar, de época para época. É instável, mutável, depende de cada um, de seus gostos e preferências. O conceito, ao contrário, é uma verdade intemporal, universal e necessária que o pensamento descobre, mostrando que é a essência universal, intemporal e necessária de alguma coisa (CHAUÍ, 2000, p. 44).

O afeto como conceito, não perde sua nuance lírica, entretanto, em sua natureza ampliada, universal e necessária, constitui-se como elo de uma corrente significativa, maior. Passa a ser um elemento estratégico, em si mesmo, simbólico, relacional e distintivo. O afeto atrai e se instaura no corpo mesmo de disciplinas diversas, inclusive de versos, como a literatura, aproximando-as. O afeto está na história, na memória, nas letras, nos sentidos, a partir da experiência.

A TOPOFILIA, A INTERDISCIPLINARIDADE E A PÉROLA DA GUANABARA

Mesmo com as dificuldades impostas pelas concessionárias que, ao longo da viação pública carioca, administraram o sistema aquaviário privado, o velho hábito de fazer Piquenique, em Paquetá, ainda é mantido. E isso - essa frequência e carinho pela ilha por parte da periferia carioca - é justificável, por vários quesitos e acontecimentos.

A toponímia, no caso aqui mencionado, pode ser entendida como uma relação simbólica entre espaços político-geográficos diferentes, por meio de afinidades e atividades diversas (sociais, comerciais, religiosas, dentre outras). Nessa relação, deixa-se de vivenciar tais locais como meros espaços estrangeiros entre si, pois esses espaços tornam-se, também, seus próprios lugares (TUAN, 2013). Ou seja, a relação “geo-afetiva” se dá na transformação de um espaço estranho em lugar, pois são estabelecidos laços afetivos e psicológicos. Tais laços transformam o espaço do outro em nosso próprio lugar. Quando Tuan trabalha com a noção de lugar, insere suas reflexões no âmbito da experiência.

Se o ódio e o preconceito a determinadas regiões, como ocorre por parte de alguns brasileiros em relação a ditos locais perigosos, violentos, pode ser denominado topofobia (MARANDOLA Jr., 2012, p. 11), a relação afetiva, amorosa, por um lugar, como ocorre pelos baixadenses e ilhéus por sua “Ilha dos Amores”, por outro lado, pode ser denominada toponímia (TUAN, 2012). Tuan revolucionou os estudos geográficos exatamente ao tornar acadêmica a ideia, apenas aparentemente óbvia, de que “a terra é o lar das pessoas, dos seres humanos” (MARANDOLA Jr., 2012, p. 8-9). Ao escrever *Toponímia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*, o geógrafo sino-americano tinha como objetivo

destacar de fato o ‘amor ao lugar’, o laço afetivo que nos envolve com o ambiente, em busca daquela esperança e força necessárias para superar momentos de crise, como era na época em que Tuan se formou enquanto intelectual (...) (MARANDOLA Jr., 2012, p. 11).

O sufixo filia, que compõe juntamente com o radical ‘topo’, toponímia, aponta, para as noções de aconchego, de proteção, de envolvimento em uma outra consciência ambiental. A memória e o afeto se unem para manter acesa a chama afetiva pelo lugar escolhido para se viver. E respeitar e amar o ambiente é fundamental para que isso ocorra. Dentre muitos os estudiosos que amaram e escreveram sobre esse lugar, destaca-se Vivaldo Coaraci (1964), um estudioso que muito se dedicou às nuances históricas relativas a Paquetá. A maioria das informações sobre Paquetá contidas neste artigo tem o grifo de autor que expressava em seus textos verdadeira toponímia.

Coaracy afirmava, por volta da década de 1960, quando residia na ilha, que principalmente, nas festas de São Roque, muitos moradores de cidades adjacentes, como Magé, acorriam ao evento, o que causava filas de barcos, na orla. De acordo com Coaracy, o cronista Vieira Fazenda afirmava que, já em 1908:

Na véspera da festa, as praias de Paquetá ficavam coalhadas de faluas e barcos da roça, embandeirados e garridamente engalanados de flores e folhagens. Conduziam famílias vindas de longe. Cozinhavam e dormiam a bordo, aguardando o alvorecer do grande dia. Neste, chegavam de Petrópolis, Magé, Niterói e da cidade, devotos em numerosas caravanas. Na enseada de Paquetá podiam ser contados 14 a 15 vapores (COARACY, 1964, p. 30).

A festa do Padroeiro do bairro do Campo, em Paquetá, no passado, também era bastante frequentada por autoridades e cidadãos ilustres da capital. Requistada, no passado, para pertencer à capital imperial, a antiga “Pacoetá”, pertencente à freguesia de Magé, ou Magepe (Coaracy, 1964, p. 24), assumiu, por vários séculos, o “glamour” de cidade. Mesmo sendo um pequeno lugarejo de inclinação rural, muito frequentada por turistas de diversas partes do país e do mundo, Paquetá é, acima de tudo, um bairro do Rio de Janeiro.

Essa visão idílica que ainda paira na mente de quem ouviu falar ou, mais ainda, de quem já esteve, em algum momento de sua vida, na pacata ilha, não é incomum, em locais turísticos. Não são poucos os exemplos de criações artísticas que têm a “Pérola da Guanabara” como musa. Um ótimo exemplo, no campo da literatura e da música, temos, na canção “Fim de semana em Paquetá”, de Alberto Ribeiro e Braguinha, interpretada por vários cantores, conhecidos em épocas diversas, como Wilson Simonal, Bruno Roland, Elisete Cardoso, dentre outros.

Esquece por momentos teus cuidados
E passa teu domingo em Paquetá
Aonde vão casais de namorados
Buscar a paz que a natureza dá

O povo invade a barca e, lentamente
A velha barca deixa o velho cais
Fim de semana que transforma a gente
Em bando alegre de colegas

Em Paquetá, se a lua cheia
Faz renda de luz por sobre o mar
A alma da gente se incendeia
E há ternuras sobre a areia
E romances ao luar

E quando rompe a madrugada
Da mais feiticeira das manhãs
Agarradinhos, descuidados
Ainda dormem namorados
Sob um céu de flamboyants.
(BRAGUINHA; RIBEIRO, s.d.).

A letra dessa canção, muito apreciada nos meados do século XX, aponta para essa visão paradisíaca da chamada Ilha dos Amores, que torna possível o esquecimento, por momentos, dos problemas cotidianos. O flamboyant é o símbolo de Paquetá. Ele ocupa a

parte central, atrás do qual, em seu brasão, esconde-se a lua, juntamente com a capelinha, dois golfinhos e a barca. Poucos sabem que Paquetá é um dos poucos bairros do Rio de Janeiro que possui um brasão (Figura 01).

Figura 01 – Brasão de Ilha de Paquetá



Fonte: <<https://ilhadepaqueta.wordpress.com/2011/12/15/brasao-da-ilha-de-paqueta/>>.

Como se vê, Paquetá é um bairro *sui-generis*, em vários sentidos. A fama de lugar poético atraiu, durante décadas, seresteiros de várias regiões do estado do Rio de Janeiro, e do Brasil, como um todo. Por ser uma ilha que carrega uma tradição lírica, turística e histórica, advinda do período colonial, com ênfase no Império, hoje não costuma ter seu nome e sua tradição associada à Baixada Fluminense. É um bairro que depende do sistema aquaviário, geralmente deficitário, mas que mantém sua tradição de lugar aprazível e incluyente, para quem com ela trava contato.

Pérolas no Recôncavo Guanabario

A denominação Baixada Fluminense é ampla e, muitas vezes, utilizada impropriamente, em vários sentidos, não apenas social, relacionada à problemática da violência com a ideia de algo sem valor, baixo, ruim. Mas o termo baixada tem sua origem no campo da geografia. Como afirma uma das mais importantes estudiosas das questões baixadenses, diretora do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, Tânia Amaro:

O conceito de Baixada Fluminense é uma expressão polissêmica que depende do interesse dos pesquisadores, da escala de observação, da atuação das instituições ou grupos políticos. A expressão pode assumir configurações geográficas, econômicas, políticas e culturais diferenciadas. Segundo o dicionário

Aurélio, baixada significa “planície entre montanhas”, já fluminense origina-se do latim (“flumen”, que significa “rio”); esta denominação se aproxima da de “iguassu” que na língua tupi significa “muita água”. Esta designação já era utilizada pelos nativos da região antes da chegada dos europeus e, provavelmente, pelo Rio Iguaçu contar, em seu entorno, com muitas áreas alagadiças. Aproximando-se destas concepções, a Baixada Fluminense seria uma região de terras baixas, planas, recortadas por rios e, em boa parte, alagadiças, que estaria compreendida entre as cidades de Campos, no extremo norte do Estado do Rio de Janeiro, e Itaguaí. Esta interpretação está ligada às análises históricas que tratam da realidade regional até o século XIX, e aproxima-se de um conceito muito utilizado pelos geógrafos, o de Recôncavo Guanabarino: área de terras baixas entre a Serra do Mar e a Baía de Guanabara, estendendo-se de São Gonçalo a Nova Iguaçu (AMARO, 2012, n.p.).

O recôncavo Guanabarino, denominação mais abrangente, também de base geográfica, como se pode perceber no fragmento citado, abarca uma vasta região, que envolve São Gonçalo, Magé, dentre outros municípios e localidades que têm limites geográficos com a ilha de Paquetá.

Em vários momentos de suas obras sobre Paquetá, o já citado jornalista Vivaldo Coaracy, aponta para o fato de que os moradores de Paquetá não queriam continuar pertencendo à Freguesia de “Magepe”. Ao construir a Matriz de Bom Jesus, a ilha deixou de pertencer a Magé. Tratando dessa querela que envolvia a transformação da nova Igreja do Bom Jesus, na mais importante da Ilha, lugar que era ocupado pela Capela de São Roque, tradicional espaço religioso, Vivaldo Coaracy destaca: “Para constituir o território da Paróquia, o bispo não só desmembrou Paquetá da Jurisdição de Magé como lhe acrescentou a zona de Itaoca e as Jurubaibas (...)” (COARACY, 1964, p. 33).

Mas pouco depois, a partir dos protestos dos moradores, o Governo da Regência criou uma lei que punha Paquetá novamente associada à então Vila de Magé:

Decreto da Regência, de 15 de janeiro de 1883 deu nova divisão civil e judiciária à província do Rio de Janeiro. Por essa decisão ficava a ilha de Paquetá incluída no território da Jurisdição Municipal de Magé, como parte daquela província. (...) Mas a partir do protesto de moradores, a Regência, tomando em consideração o que lhe representaram moradores das Ilhas de Paquetá e adjacentes sobre os prejuízos e incômodos que sofrem de pertencerem ao Município de Magé, onde não têm relações algumas de comércio, cujas viagens, além de dispendiosas, são de grande dificuldade; e querendo por isso ficarem anexas ao Município desta capital. (...) Há supor bem ordenar que a dita ilha de Paquetá com as outras adjacentes que pertencem à mesma freguesia façam parte d’ora avante do Município desta capital, sendo desmembrada do da Vila de Magé (COARACY, 1964, p. 99).

Isto ocorre em 23 de março de 1883, revogando o decreto de 15 de janeiro, do mesmo ano. Em agosto de 1810, Paquetá era desmembrada da Freguesia de Magé (COARACY, 1964, p. 34).

Utilizando mais um elemento do campo da literatura, podemos afirmar que inúmeros poetas versejaram sobre Paquetá. Um bom exemplo, que ratifica essa afirmativa, temos nos versos de Hermes Fontes, que também residiu na ilha. Vejamos um fragmento - imerso na topofilia - de seu Luar de Paquetá:

Luar de Paquetá
Nessas noites dolorosas
Quando o mar, desfeito em rosas,
Se desfolha à lua cheia
Lembra a ilha um ninho oculto
Onde o amor celebra em culto
Todo o encanto que o rodeia
Nos canteiros ondulantes,
As nereidas incessantes
Abrem lírios ao luar
A água em prece borborinha
E em redor da Capelinha
Vai rezando o verbo amar.

Jardim de afetos
Pombal de amores
Humildes tetos
De pescadores...
Se a lua brilha
Que bem nos dá
Amar na Ilha
De Paquetá!

Pensamento de quem ama,
Hóstia azul, fervendo em chama
Entre lábios separados...
Pensamento de quem ama
Leva o meu radiograma
Ao jardim dos namorados.
Onde é esse paraíso,
O caminho que idealizo
Na ascensão para esse altar,
Paquetá é um céu profundo
Que começa neste mundo
Mas não sabe onde acabar...

Sobre o mar de azul rendado,
Que é toalha de um noivado,
Surge a Ilha — taça erguida.
E o luar — vinho doirado
Enche a taça do Passado
Que embriaga a nossa vida!
Ai, que filtro milagroso,
Para a mágua e para o gozo
Para a eterna inspiração!
O luar, na mocidade,
Abre as rosas da saudade
Dentro em nosso coração.
(VASCONCELOS, 1964, p. 122-123).

Embora Hermes Fontes afirmasse em seu belo e afetivo poema, com suas estratégias simbólicas e metafóricas, que o céu de Paquetá não sabe onde acabar, os estudos

geográficos apontam para limites, não do céu, mas das terras. Os limites de Paquetá, que já se denominou Pacoatá, Paquatá, Ilha das Canas, (COARACY, 1964, p. 6) são a região da Baixada, parte de São Gonçalo e Rio de Janeiro. Na imaginação do poeta Hermes Fontes, os limites de Paquetá são paradoxalmente infinitos. Mas a relação social com habitantes desses três limites é constante.

Nos campos cinematográficos e televisivos, surge como menção relevante a duas obras com o mesmo título: *A Moreninha*. A primeira, de 1970, é da autoria de Miroel Silveira e Cláudio Petrágia e teve como artistas principais Sônia Braga e Davi Cardoso. Já a telenovela *A Moreninha*, foi estrelada por Nívea Maria e Mário Cardoso, com a direção de Herval Rossano. Como se sabe, tanto o filme quanto a telenovela se basearam no romance homônimo, *Moreninha*, de Joaquim Manuel de Macedo, e tiveram a Ilha como importante locação.

Como se pôde observar, a partir do olhar romântico expresso nas obras artísticas mencionadas no artigo, Paquetá está na memória dos brasileiros como um lugar aprazível, que convida à calma. A ilha de Paquetá se encontra em um arquipélago que recebe o seu nome. Vejamos uma passagem em que se trata dos dois pequenos arquipélagos situados no fundo da Baía de Guanabara:

O fundo da Baía de Guanabara, para nordeste, emerge das águas reduzido arquipélago formado por dois grupos distintos de ilhas e ilhotas. O primeiro é constituído pelas ilhas Comprida, redonda, dos ferros; da Casa-de-pedra, do Braço forte e Jurubaibas, dentre outras (...) Compõem o segundo grupo, as ilhas de Paquetá, Brocoió, Pancaraíba, Itapacis, dos Lobos e das Folhas (COARACY, 1964, p. 6).

A localização da Ilha, ao fundo da Baía de Guanabara, em um arquipélago que fica mais próximo do Município de Magé, do que da cidade do Rio de Janeiro, faz com que seja mais rápido o acesso à Baixada Fluminense do que as terras da capital carioca. E tal facilidade leva os baixadenses e paquetaenses a criar laços sociais, cotidianamente.

Paquetá e os baixadenses

Muitos dos moradores de Mauá, Suruí, Guapimirim, dentre outros locais, utilizam e utilizaram, mais ainda, no passado, o Hospital Villaboin, em Paquetá. E a chegada de água potável no passado já se deu através de dutos, vindos de Suruí (que alguns moradores denominam águas velhas). Essas são apenas duas curiosidades que reforçam a relação da ilha com a Baixada. No período do Reveillon, muitos barcos aportam na Praia da Moreninha, para assistir aos Shows da Virada do ano. Vivaldo Coaracy escreveu, como já

foi citado, sobre a quantidade de moradores da Baixada que frequentavam as Festas de São Roque. Hoje, a frequência à Festa do padroeiro do Bairro do Campo, em Paquetá, não chega à mesma quantidade, se comparada ao passado do cronista, mas ainda é bastante representativa, em termos identitários, para os paquetaenses. A Igreja do Bom Jesus do Monte, embora também tenha entrado para o cotidiano afetivo da comunidade ilhéu, não possui a mesma carga histórica da Capela do Campo de São Roque, que, no passado pertencia à família Cerqueira, que deu início ao loteamento do bairro do Campo. Como se sabe, Paquetá se divide em dois bairros, o do Campo e o da Ponte. É na Ponte que se encontra a Igreja do Bom Jesus do Monte, a Estação das barcas e o pequeno comércio local. O padroeiro de Paquetá é São Roque, daí a importância das festas desse santo

Conta Vivaldo Coaracy que, por décadas, muitos agricultores vinham vender seus produtos em Paquetá, nos finais de semana. Ainda ocorre, mas com menor incidência. Vivaldo assim afirmava, em 1964, sobre a frequência de moradores do continente vizinho, em Paquetá, também, para negociar produtos:

O mercado do Rio abastece os negociantes locais.: merceiros, verdureiros, alguns armarinhos, uma loja de ferragens. É o principal centro de abastecimento. Pequenos lavradores da Costa Fluminense, de Magé, Mauá, Suruí, Itaoca, trazem em canoas e faluas, nos domingos, as suas quitandas para vender, em regime de feira, na Praça do Bom Jesus (COARACY, 1964, p. 15).

Os estigmas sociais que marcam, ainda hoje, a vizinha, Baixada, não atingiram Paquetá. Mas, um olhar mais rigidamente crítico, pode apontar para os problemas principais da ilha, que já começa com a poluição do mar. E, um olhar idealizado só vê o lado paradisíaco, esquecendo da dificuldade de emprego, a escassez de alguns produtos durante a semana, as graves dificuldades impostas pelos horários das barcas, o custo de vida elevado, dentre outros. Como se vê, Paquetá, para quem vive no bairro, tem também seus problemas, mas não se distanciou muito em termos de belezas naturais, da solidariedade, da alegria entre os ilhéus, do seu casario e da tranquilidade de suas ruas.

Nesta pequena reflexão sobre a relação de Paquetá com o Recôncavo Guanabarrino, torna-se importante lembrar da importância da Igreja e da política na reorientação da pertença da ilha. Desde o início da colonização da ilha, a religião é marcante em Paquetá. A mais conhecida, como se disse há pouco, é Igreja de São Roque, que já foi remodelada, pertencia à família Cerqueira (COARACY, 1964).

Outro tema importante, em relação a esses dois lugares afins, que não será aprofundado aqui, é o da diáspora nordestina, que ocorre em Duque de Caxias, como afirma o estudioso José Severino da Silva, o multiartista Cuca. Guardadas as proporções do

tempo de ocorrência, a “diáspora nordestina” também aproxima Paquetá da Baixada, como se pode ver, partindo das reflexões de Silva (2020) sobre a Baixada. Tal diáspora é semelhante à ocorrida em municípios como Duque de Caxias, na Baixada Fluminense. O pequeno distrito de Siriji, situado a cerca de 78 km de Recife, em Pernambuco, é tida, por alguns moradores como a localidade que teria cedido mais nordestinos para a ilha, mas há controvérsias, como se pode ler no jornal A Ilha, publicado em janeiro de 2018 (Jornal A Ilha, p. 7).

O Geógrafo Tuan, como já se reiterou, afirma que lugar é, mais que um espaço comum, um lar. Em *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, o humanista aponta para uma relação entre os seres humanos e a geografia, que vai além das instâncias tradicionais da disciplina, centrada em elementos que envolvem estudos como os da química, da matemática, da geologia. Como afirma Nicole Moreti, em seu resumo para o artigo “Espaço escolar e geografia dos afetos: paredes ou pontes atmosféricas?”:

A Geografia Humanista firma-se como campo autônomo da Geografia Cultural entre as décadas de 1970 e 1980, em especial, por seu discurso idealista em prol do reconhecimento da humanização da ciência. O humanismo na Geografia trouxe novas possibilidades metodológicas ao colocar o homem no centro das análises e ao possibilitar a inclusão da dimensão subjetiva, afetiva, cultural e histórica, individual e social, nas análises do campo geográfico (MORETI, 2019, p. 136).

Esse artigo de Nicole Mieko Takada Moreti trata do espaço vivido e da percepção individual expressa por meio da afetividade. A Geografia Humanista partilha de questões concernentes à vivência, à experiência do espaço físico e na sociedade, a partir da atenção aos sentimentos, aos sentidos humanos. Podemos, seguindo as reflexões aqui realizadas, afirmar que a geografia humanista, assim como a literatura, por suas próprias naturezas constitutivas, são campos “inter” ou multidisciplinares. Nessa perspectiva geográfica aberta por Tuan, desde os idos de 1950, já se ampliava as discussões do campo geográfico para questões que levam em consideração os cinco sentidos humanos, tato, audição, olfato, paladar, visão. Se Kant, em sua primeira e mais extensa crítica, a Crítica da Razão Pura, estudava as formas da percepção humana e afirmava que a mesma só se dá a partir dos “a-priores” do tempo e do espaço, Tuan vai além, qualificando, de certa maneira, esse olhar sobre o tempo e o espaço.

Havia, na época em que Kant viveu (Séc. XVII) uma forte discussão (que não se extinguiu, de todo) entre os céticos e os religiosos, tendo a problemática da fé e da racionalidade como pontos de discordância. Definindo a questão da existência ou não de Deus, Kant afirma que a percepção humana está centrada nos a-priores do tempo e do

espaço. Por isso, é impossível afirmar que Deus existe, mas também, não é possível afirmar que não existe. Desta discussão, cara aos filósofos dos primeiros séculos da modernidade, que ainda hoje não foi respondida a contento, Kant parte para a reflexão sobre a Razão Prática e sobre a crítica da arte (*Crítica do Juízo*). Se na *Crítica da Razão Prática*, Kant reflete sobre a vida em sociedade, afirmando que o ser humano é livre, mas livre, para seguir a lei, na *crítica do Juízo*, o filósofo pensa sobre a relação do ser humano com a arte.

Tuan, ao adentrar nas reflexões sobre o lugar, vai ao mesmo eixo kantiano, o dos sentidos, mas os valoriza, faz deles um guia da experiência. Kant, que deu bases ao recrudescimento da racionalidade, que culmina no século XIX com a hegemonia das ciências, aponta exatamente para um dos fatores mais definidores da condição humana: os sentidos. Eles são, segundo o filósofo de Königsberg, os a priori básicos da percepção humana. Sem tais a priori os seres humanos não perceberiam o mundo circundante.

A questão da experiência, em Tuan, é exatamente o fator diferencial do pensamento da Geografia tradicional. Os sentidos, as sensações interferem, tanto na percepção humana, quanto em sua visão sobre a sociedade (o meio ambiente) e sobre a arte. Outro livro fundamental de Tuan, também já citado, *Topofilia*, põe em destaque a forte relação afetiva entre o lugar e o sentimento humano. No caso de Paquetá, a toponímia é a marca, tanto os moradores, quanto por visitantes. Já não se pode dizer o mesmo sobre a Baixada fluminense cujos estigmas de décadas e séculos ajudaram a denegrir.

CONCLUSÃO

Ao refletir sobre a Ilha de Paquetá, sob os influxos da experiência, torna-se propício entender o lugar como o mantenedor de uma aura lendária. Poucas pessoas adultas consultadas dirão jamais ter ouvido falar em Paquetá. Muitos relembram suas infâncias, um passeio, um final de semana, ou, em última instância, a vontade de conhecer esse bairro localizado no fundo da Baía de Guanabara, próximo ao recôncavo de mesmo nome. As identidades paquetaense e baixadense já se formavam, no momento mesmo em que a colonização do Rio de Janeiro avançava e, hoje, se amplia.

Não só o posicionamento geográfico aproxima a Ilha dos amores, da Baixada Fluminense. Muitas outras afinidades simbólicas, como a enorme presença de descendentes de nordestinos, são marcantes. Em termos geográficos, como se afirmou durante o artigo, Paquetá está no fundo da Baía de Guanabara, bem encostada em Magé, próximo de Duque de Caxias. E na circunscrição das freguesias, como era de costume demarcar as terras no Brasil, “pacoetá” fazia parte da antiga freguesia de “Magepe”. Essa reflexão sobre a relação

“geo-afetiva” entre Paquetá e Baixada Fluminense surge como acréscimo de informação para as gerações mais recentes, sobre aspetos que passariam, ou passam despercebidos, em termos de relações sociais.

Para finalizar o artigo, ratifica-se que Paquetá, para os baixadenses, não deve ser considerada um mero espaço de passagem turística, pois há uma relação de afeto. Simbolicamente, para os moradores da Baixada Fluminense e Paquetá, reciprocamente, há uma forte relação afetiva que, ainda hoje, amplia as instâncias topofílicas.

REFERÊNCIAS

AMARO, Tânia. Associação dos Amigos do Instituto histórico de Duque de Caxias. 2012. Disponível em: <<http://www.cmdc.rj.gov.br/institutohistorico>>. Acesso em: 15 maio 2020.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRAGUINHA; RIBEIRO, Alberto. “**Fim de Semana em Paquetá**”. In: MPB Beatriz Kaufman web site. Disponível em: <http://www.beakauffmann.com/mpb_f/fim-de-semana-em-paqueta.html>. Acesso em: 13 junho 2020.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

CARDOSO, Marcelo A. L. **Paquetá. História das ruas**. Rio de Janeiro: Segrafa Editora, 1992.

COARACY, Vivaldo. **Paquetá: imagens de ontem e de hoje**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1964.

COSTI, Marilice (Blog). “**O que é topofilia**”. 2021. Disponível em: <<https://www.marilicecosti.com.br/tag/topofilia/>>. Acesso em: 20 mar. 2021.

HALL, Stuart. **A identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Trad. Tomás Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Trad. Adilaine La Guardia Resende [et al.]. Belo Horizonte: UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

ILHA DE PAQUETÁ. **Jornal A Ilha**, Rio de Janeiro, Ano V, n. 56, jan. 2018.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. Trad. Manuela Pinto dos Santos e Alexandre Fradique Morujão. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

MARANDOLA Jr., Eduardo. Prefácio. In: TUAN, **Topofilia**. Tradução de Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

MORETI, Nicole Mieko Takada. Espaço escolar e geografia dos afetos: paredes ou pontes atmosféricas? **Revista Geoatos**, v. 5, n. 12, 2019.

SCHWARCZ, Lília Moritz. Imaginar é difícil (porém, necessário). In: ANDERSON, Benedict. **Comunidades Imaginadas**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

SILVA, José. **Diáspora nordestina**. A literatura de Cordel como marca identitária. Rio de Janeiro: Autografia, 2017.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2013.

TUAN, **Topofilia**. Trad. Livia de Oliveira. Londrina: EDUEL, 2012.

VASCONCELOS, Ary. **Panorama da música popular brasileira**. São Paulo: Livr. Martins, 1964.

Como citar:

ABNT

FRAZÃO, I. Ilha de Paquetá e Baixada Fluminense: nas trilhas da topofilia. **InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, v. 8, e202209, 2022. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202209>>. Acesso em: 30 out. 2022.

APA

Frazão, I. Ilha de Paquetá e Baixada Fluminense: nas trilhas da topofilia. *InterEspaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade*, v. 8, e202209, 2022. Recuperado em 30 outubro, 2022, de <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.e202209>



This is an open access article under the CC BY Creative Commons 4.0 license.

Copyright © 2022, Universidade Federal do Maranhão.

